

Ficha Técnica

Título

MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro
N.º 2 – “A Conservação Preventiva. Prevenir para preservar o património museológico”

Edição

Câmara Municipal de Faro / Departamento de Cultura e Património / Museu Municipal de Faro

Direcção

Dália Paulo

Investigadora co-responsável

Catarina Alarcão

Conselho Científico

António Nabais
Clara Camacho
João Brigola
José d'Encarnação

Textos

Anabela Almeida
Andreia Machado
Catarina Alarcão
Dulce Delgado
Gabriela Carvalho
Inês Correia
Joana Amaral
José Gameiro
Leonor Esteban
Lina Falcão
Mana João Pacheco Ferreira
Mathias Tissot
Pedro Redol
Sara Leite Fragoso
Susana Paté

Design

Sandra Guerreiro – Museu Municipal de Faro

Logotipo

Ideias em Baú, Comunicação Marking, LDA

Tradução

Luis Santos - Museu Municipal de Faro e Ruth Gale

Impressão

Gráfica Comercial

Depósito Legal 242182-4202

ISSN 1648-4202

Data

Junho de 2007

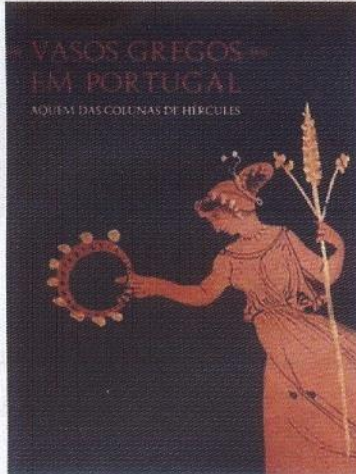
Tiragem

1000 exemplares

Agradecimentos

Pedro Redol
Museu Nacional de Machado de Castro
Lina Falcão

Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.



PEREIRA (Maria Helena Rocha)
[coord.], *Vasos Gregos em Portugal*
(*Aquém das Colunas de Hércules*).
Museu Nacional de Arqueologia, Lis-
boa, 2007. 151 pág. Ilustr. ISBN: 972-
776-321-9 e 978-972-776-321-4.

Trata-se do catálogo da exposição homónima, inaugurada a 25 de Janeiro deste ano de 2007, no Museu Nacional de Arqueologia. E a primeira palavra que ocorre, ao folheá-lo, será, sem dúvida: «Magnífico!» – pelas portentosas imagens, pelo excelente design gráfico (da responsabilidade de Rita Neves, de LAB [d] – Oficina de Design), pela oportunidade dos textos.

Na 'apresentação', o director do MNA, Luís Raposo, salienta a extrema generosidade de Manuel Lancastre, proprietário da colecção, «a mais importante colecção de vasos gregos existente em Portugal, nunca antes dada a conhecer publicamente», acrescentando que se trata de um «belo exemplo» «do gosto privado pelo objecto arqueológico e pela obra de arte». Desta forma se homenageia também (acrescenta) Maria Helena da Rocha Pereira, catedrática da Universidade de Coimbra.

Divide-se o catálogo em quatro partes. Refere-se a primeira ao carácter pioneiro dos estudos de M. H. Rocha Pereira sobre este específico tipo de cerâmica (textos de Jorge de Alarcão, Delfim Leão e Rui Morais). Sintetiza a segunda a importância histórico-cultural dos vasos gregos, no seu contexto (da polis e dos movimentos colonizadores e expansionistas para Ocidente) e em si mesmos, como singulares peças de arte e excepcionais documentos iconográficos, pelas cenas

que os decoram, para o conhecimento de toda uma época. «Vasos gregos em Portugal» (p. 69-131) constitui o miolo do catálogo, precedido de um excuro, de M. H. Rocha Pereira, sobre o colecionismo de vasos gregos em Portugal, e da explicação, dada por César Valença, acerca da génese desta colecção de Manuel Lancastre.

Partilha-se o catálogo propriamente dito por dois núcleos: o da colecção de M. Lancastre e o das colecções de museus e instituições de utilidade pública (recorde-se que há expostos vasos do Museu da Presidência da República e, também, do Museu Gulbenkian). Apresenta-se, na ficha de cada peça, uma ou várias fotografias e mui circunstanciada descrição. Identifica-se o estilo: «taça de tipo A, classe FP» (p. 80, n.º 05), «campaniense de figuras vermelhas, pelo Pintor do Cisne Rubro, c. 350 a.C.» (p. 99, n.º 26). Identificam-se as cenas: «Dois hoplitas transportam um guerreiro ferido», sendo «muito provável que a cena em apreço represente Hypnos e Thánatos no acto de arrebatá-lo para a Lícia» (p. 82, n.º 07); «O centauro Nessos rapta Dejanira» (p. 91, n.º 14); «Eros a voar, com uma tira na mão» (p. 98, n.º 22)...

Da responsabilidade de Ana Margarida Arruda, a quarta parte desta obra permite-nos saber tudo em relação aos sítios arqueológicos portugueses em que alguma vez se encontraram vasos gregos e a importância documental que tal cir-

cunståncia detém.

No fundo, para além da grande beleza que estes vasos encerram – tão justamente realçada neste livro («o fascínio estético provocado pela elegância das formas, a exigência do desenho, o equilíbrio da composição decorativa e os temas figurados» – p. 74) –, o que importará, na verdade, realçar é o excepcional valor documental de uma simples peça, à primeira vista quase insignificante. Os mitos, as vestes, os pormenores da vida quotidiana perpassam de forma eloquente por estes vasos de figuras negras sobre fundo vermelho ou de figuras vermelhas sobre fundo negro, em registos ora estilizados (veja-se a elegante cabeça do Cisne Rubro da taça nº26) ora mais prenhes de pormenor (o drapeado das vestes das deusas do n.º 16, por exemplo). Fica a saber-se, de resto, que muito do que se conhece da vida dos Gregos antigos não se bebeu apenas nas fontes literárias e na correcta interpretação dos resultados das escavações arqueológicas, mas também no minucioso exame destes vasos que – parece – encheram por completo a vida grega: eles vieram «substituir, em larga medida, a grande pintura perdida» (p. 61). Quando, por exemplo, nos passeamos pelo museu arqueológico de Atenas e nos comparamos em altura com gigantescos lêkythoi, sentimos que haverá, ali, de facto, o retrato em ponto grande de uma realidade imensa, em que a estética magnificamente se casa com um realismo de incommensurável valia...

Esse aspecto é, de resto, bem assinalado por Professora Maria Helena da Rocha Pereira, nomeadamente no que concerne ao «conhecimento do teatro», de que as cenas pintadas nos vasos gregos constituem um testemunho «insubstituível» (p. 64). E, de modo especial, a vida diária: «Quer dentro de casas, mostrando os objectos de uso corrente, móveis, hábitos de higiene, quer no exterior, como a ida às lojas, aos fontenários»; e a vida social, «com destaque para os banquetes; a prática da ginástica e do desporto, incluindo

os grandes jogos pan-helénicos; a vida militar; as ocasiões festivas e, noutro extremo, o culto dos mortos; ou, num plano mais íntimo, o amor, o casamento, a família; a escola; os instrumentos musicais» (p. 64). E «não faltam cenas inspiradas em epopeias de que só conhecemos fragmentos ou resumos» (*ibidem*).

Para além de tudo isto, o fundamental, permita-se-me, a concluir, que assinale alguns pormenores:

– São raríssimas as gralhas tipográficas. Preconizo, porém, ser sempre através do último apelido de um autor português que ele deve ser citado; assim, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira deve, em meu entender, ser incluída na bibliografia em PEREIRA e não em ROCHA PEREIRA, dada a ausência de hífen entre os dois nomes, que determinaria a sua justaposição.

– Agradar-me-ia também que tivesse sido explicado porque é que, na legenda do vaso n.º 16 (p. 92), o lambda maiúsculo, grafado claramente como V invertido, é interpretado como gama, afirmando-se que estamos em presença de uma alusão à oficina do pintor de Brygos. Corresponde, na verdade, a um alfabeto anterior ao comumente conhecido, em que assim se grafava o gama.

– Creio que do n.º 53 (p. 125) terá faltado a indicação da proveniência, pois se trata de um exemplar de outras colecções.

– Na p. 53, cita-se uma obra de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, que não vem referida na bibliografia; aliás, nas duas páginas seguintes (54-55), apresentam-se, em desenho, as «principais formas e usos dos vasos gregos», de grande utilidade didáctico-pedagógica, mas teria sido interessante saber se se trata de trabalho original do autor do texto.

Pormenores que – escusado seria afirmá-lo – não enjeitam minimamente a enorme valia de um catálogo doravante de referência fundamental.